

Bem-estar na velhice: mitos, verdades e discursos, ou a gerontologia na pós-modernidade

Well-being in old age – myths, truths and discourses, or gerontology in postmodern times

Johannes Doll*

Resumo

O artigo discute os mitos e verdades sobre o bem-estar na velhice, numa perspectiva epistemológica. Assim, os conceitos “mito”, “ciência” e suas relações com a “verdade” são analisados numa visão histórica, que inicia com o conflito mitoracionalidade na época grega, passa pela emancipação da ciência dos dogmas religiosos através do conceito da razão pura de Kant e leva, finalmente, ao questionamento das verdades científicas pela crítica pós-moderna. Retornando à questão do bem-estar na velhice, podemos mencionar o discurso científico gerontológico, que destaca hoje a importância dos fatores saúde, relações sociais e situação econômica para o bem-estar. Mas o que necessita

ser considerado na discussão sobre os mitos e verdades do bem-estar na velhice é a perspectiva das próprias pessoas idosas: o sentido que elas dão a sua vida – sua espiritualidade – pode desafiar um discurso gerontológico sobre o bem-estar biopsicossocial na velhice.

Palavras-chave: bem-estar, envelhecimento, epistemologia, velhice.

* Doutor em Educação pela Universitat Koblenz Landau. Professor da Faculdade de Educação, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Recebido em out. 2005 e avaliado em dez. 2005

Introdução

“Como vai?” – “Tudo bem!”
“Tudo bem?” – “Tudo bem!”

Pelo jeito, a pessoa vai bem. Tudo vai bem. A saúde, a família, o trabalho, os amigos, o dinheiro, tudo vai bem. Será? Se dependesse dessa fórmula de saudação informal, o Brasil seria um dos países mais felizes. Porém, sabemos muito bem que não é bem assim. Quem nos ajuda a entender essa situação é a pragma-lingüística, a qual explica que existe uma diferença entre o significado literal de uma palavra e o significado que uma palavra possa assumir num contexto comunicativo específico. Dessa forma, a expressão “Tudo bem”, no contexto apresentado, representa uma fórmula de cumprimento, não uma investigação detalhada sobre se realmente tudo vai bem com a pessoa. A perspectiva da pragma-lingüística de investigar o que uma pessoa quer dizer quando usa, ou não usa, uma determinada palavra pode nos ajudar bastante em nossas discussões gerontológicas, por exemplo, quando nos debatemos sobre o uso da palavra “velho” ou do uso do “espírito jovem em corpo velho”. Essa busca do que está por trás do uso de uma determinada palavra pode nos ajudar também a analisar os conceitos propostos para esta mesa: mito, verdade e bem-estar.

Mito e verdade

A palavra “mito” é um excelente exemplo de uma palavra com diversos significados. Enquanto o uso atual, especialmente na combinação de “mito e

verdade”, aponta para a conotação de uma “idéia falsa, sem correspondente na realidade” (*Dicionário Aurélio*), a mesma palavra possui um significado totalmente diferente. Em tempos primordiais, nos tempos “míticos”, mito não significava somente uma “história verdadeira”, mas, muito mais, uma história preciosa, com caráter sagrado, exemplar e significativo (ELIADE, 1998). Os assim chamados “mitos cosmogônicos” ou “teogônicos” explicavam às pessoas sua origem, seu destino e o sentido da sua existência. De fato, em todas as religiões existem esses mitos. No nosso contexto cultural são mais conhecidos os mitos contados na Bíblia, como a criação do mundo em sete dias ou a formação do homem com o pó do solo. Outros mitos sobre origem encontram-se no contexto grego, nas narrativas de Homero e Hesíodo, explicando a ordem do universo a partir de uma genealogia dos deuses (ANDERY et al., 2003).

Entretanto, foi exatamente na época grega que os “mitos” começaram a ser criticados. Essa crítica se encontra a partir de Xenófanes (cerca de 565-470 a.C.), promovendo, dessa forma, um elemento novo para explicar o mundo, o *logos*, a racionalidade (ELIADE, 1998, p. 8). Segundo Andery et al. (2003, p. 35), foi principalmente a estrutura social da pôlis, da cidade, que possibilitou esse desenvolvimento: “O desenvolvimento da pôlis constituía, assim, fator fundamental para o nascimento do pensamento racional: criava as condições objetivas para que, partindo do mito e superando-o, o saber fosse racionalmente elaborado e para que alguns homens pudessem se dedicar à elaboração desse saber.”

Apesar de um longo convívio entre mito e racionalidade, existem historiadores que escolheram uma data para representar a passagem das explicações míticas para as explicações racionais. Trata-se do dia 28 de maio de 585 a.C., quando aconteceu um eclipse que o filósofo Tales de Milet tinha previsto (WEISCHEDEL, 1975, p. 12).

A crítica ao mito não provém somente da parte das ciências. De fato, o pensamento que predominaria nos séculos após o declínio do Império Romano foi o pensamento religioso cristão. Apesar de compartilhar fundamentos comuns aos dos mitos, principalmente a necessidade do acreditar numa narrativa fundadora, o cristianismo procurou um distanciamento do mito, condenando-o como algo primitivo e pagão. Em contrapartida, os pensadores cristãos aproximaram-se da racionalidade da filosofia grega, como demonstram os doutores Agostinho e Tomás de Aquino, somente para nomear os dois pensadores mais influentes.

O declínio final do mito, porém, aconteceria em razão do conflito entre a Igreja e o pensamento científico. Cientistas como Galileu Galilei (1564-1642) já tinham iniciado a luta contra a influência da Igreja no campo científico. Na perspectiva medieval, os conhecimentos sobre o mundo e o homem baseavam-se na autoridade das escrituras, principalmente na Bíblia, e em autores considerados autoridades, como Aristóteles, Agostinho e Tomás de Aquino. No desenvolvimento das ciências modernas podem ser destacados dois caminhos diferentes. Por um lado, encontramos os assim chamados “racionais”, como Descartes (1596-1650), segundo os quais o conhecimento dever-se-ia basear

na dúvida sistemática e na reconstrução racional (PEREIRA e GIOIA, 2003, p. 177). Segundo essa linha, a base da ciência é a racionalidade do pensamento humano. Outro caminho tomou um segundo grupo, principalmente desenvolvido na Inglaterra, os assim chamados “empiristas”, como Francis Bacon (1561-1626) e John Locke (1632-1704). Para estes, a base do conhecimento humano seriam as experiências concretas transmitidas pelos sentidos; por isso, o mundo empírico, a observação e a experiência deveriam ser os fundamentos das ciências (STÖRIG, 1961, p. 17).

Nesse conflito entre a religião e os percursores da ciência moderna, por um lado, e a discussão entre racionalismo e empirismo, por outro lado, Kant conseguiu unir os pensamentos racionalista e empirista e garantiu, dessa forma, a independência do saber científico contra a influência da religião, levando o iluminismo ao seu ponto mais alto e, ao mesmo tempo, superando-o (STÖRIG, 1961, p. 52). Na sua argumentação, desenvolvida principalmente na sua obra *Crítica da razão pura*, Kant demonstrou que a racionalidade especulativa precisa da confirmação empírica para chegar a conhecimentos fundados. Por outro lado, a empiria, sozinha, leva somente a idéias e impressões confusas e precisa da organização e estruturação da racionalidade para poder ser assimilada pelo homem (GIANFALDONI e MICHELETTO, 2003, p. 344). Kant explicou isso no prefácio da segunda edição da *Crítica da razão pura*:

Quando Galileu deixou suas esferas rolar sobre a superfície oblíqua com um peso por ele mesmo escolhido, ou quando Torricelli deixou o ar carregar um peso de antemão

pensado como igual ao de uma coluna de água conhecida por ele, ou quando ainda mais tarde Stahl transformou metais em cal e esta de novo em metal retirando-lhes ou restituindo-lhes algo: isto foi uma revelação para todos os pesquisadores da natureza. Deram-se conta de que a razão só comprehende o que ela mesma produz segundo o seu projeto, que ela teria que ir à frente com princípios dos seus juízos segundo leis constantes e obrigar a natureza a responder às suas perguntas, mas sem se deixar conduzir por ela como se estivesse presa a um laço; do contrário, observações feitas ao acaso, sem um plano previamente projetado, não se interconectariam numa lei necessária, coisa que a razão todavia procura e necessita. A razão tem que ir à natureza, tendo numa das mãos os princípios unicamente segundo os quais fenômenos concordantes entre si podem valer como leis, e na outra o experimento que ela imaginou segundo seus princípios, claro que para ser instruída pela natureza, não porém na qualidade de um aluno que se deixa ditar tudo o que o professor quer, mas sim na de um juiz nomeado que obriga as testemunhas a responder às perguntas que lhes propõe [...]. Através disso, a Ciência da Natureza foi, pela primeira vez, posta no caminho seguro de uma ciência, já que por muitos séculos nada mais havia sido que um simples tatear (KANT, apud GIANFALDONI e MICHELETTO, 2003, p. 345).

Dessa forma, Kant separou a metafísica especulativa, na qual continuou acreditando, do campo da ciência empírica, dando à última liberdade e independência, dependendo somente da razão e da empiria. Em outras palavras, a ciência trabalha e pesquisa como se Deus não existisse. Não que ela negue a sua existência, mas é indiferente à questão da religião (STÖRIG, 1961, p. 73).

Sabemos que essa liberação levou, especialmente a partir do século XVIII, a um desenvolvimento rápido das ciências, em primeiro lugar, das ciências exatas. Animado pelo sucesso das ciências exatas e sob a influência do positivismo de Auguste Comte, o equilíbrio procurado por Kant entre o racional e o empírico pendeu fortemente para o lado empirista. Os métodos usados nas ciências exatas de comprovação positiva e empírica de hipóteses e teorias tornaram-se o paradigma do trabalho científico em geral, ao passo que outras formas de pesquisa como métodos qualitativos e hermenêuticos foram cada vez mais consideradas subjetivas e imprecisas, portanto, não científicas. A busca pela exatidão e pela precisão na formulação de hipóteses e teorias, base necessária para uma comprovação ou rejeição empírica, culminou nos anos 30 do século XX no movimento neopositivista do Círculo de Viena, com Rudolf Carnap como seu membro de destaque (PÁDUA, 1997, p. 20).

Nesse domínio cada vez maior das ciências (exatas), estabeleceu-se a lei dos três estados de Auguste Comte com o estado teológico como primeiro, o metafísico como segundo e o científico ou positivo como terceiro. O primeiro estado teológico é ainda subdividido, tendo o pensamento mítico (animismo, politeísmo) como a forma mais primitiva, ao passo que o monoteísmo representa a forma mais elaborada do pensamento teológico (STÖRIG, 1961, p. 139). Nessa perspectiva, o mito caiu definitivamente em descrédito, assumindo a conotação de algo errado, falso, superado, cujo contraponto seria o conhecimento verdadeiro da ciência positiva.

Ciência e verdade

Já falamos sobre a ascensão do saber científico e seu ponto alto no início do século XX, quando tudo parecia possível. Mas o próprio saber científico começou a ser questionado. Entre essas etapas da desconstrução do saber científico como verdade única quero destacar aqui somente três autores: Sir Karl Popper, Thomas Kuhn e Jean-François Lyotard.

Enquanto o grupo de cientistas ligados ao Círculo de Viena acreditava ser possível a comprovação de um saber científico pelo seguimento de regras detalhadas de como este saber deve ser gerado, Karl Popper questionou na sua obra principal, *A lógica da pesquisa científica*, publicada primeiramente em 1934, a possibilidade de comprovar teorias científicas. Popper (1974) exige que todo enunciado científico possa ser submetido a testes empíricos que comprovem ou reprovem o enunciado. Já em relação à comprovação, não existe a possibilidade de uma comprovação definitiva de um enunciado científico, pois teria de ser *ad infinitum*, o que é praticamente impossível. Por isso, sempre há a possibilidade de um enunciado científico ainda ser falsificado. De fato, o trabalho do cientista, na perspectiva de Popper, deveria ser a tentativa de falsificar seu enunciado, já que isso é factível, ao contrário da comprovação positiva. Essa posição epistemológica, conhecida como “racionalismo crítico”, aponta, então, para a provisoriaidade de todo saber científico.

Uma outra crítica em relação à produção científica foi elaborada por Thomas Kuhn no seu livro *A estrutura das revoluções científicas*, no qual ele questiona a idéia de um acúmulo linear de conhecimentos cien-

tíficos. A análise de Kuhn leva à concepção de fases diferentes no progresso das ciências. Existem fases da “ciência normal”, durante as quais predomina um determinado paradigma que orienta e sustenta as pesquisas. Nas palavras do próprio Kuhn, esses paradigmas “são reconhecidos durante algum tempo por alguma comunidade científica específica como proporcionando os fundamentos para sua prática posterior” (KUHN, 1987, p. 29). Contudo, num certo momento, quando as “anomalias”, quer dizer, questões que não podem ser respondidas de forma adequada pelo paradigma dominante, essas se acumulam e levam a crises de um determinado paradigma. Essa crise é condição necessária, porém não suficiente, para um novo paradigma científico. O antigo paradigma será abandonado somente quando existir uma outra teoria científica que alcançou o *status* de paradigma, o que significa ser reconhecida por um grupo suficientemente grande de cientistas. Porém, a rejeição de um paradigma e a aceitação de um novo não é um processo pacífico. Kuhn chama esses processos de “revoluções científicas” e entende-os como “episódios de desenvolvimento não cumulativo, nos quais um paradigma mais antigo é total ou parcialmente substituído por um novo, incompatível com o anterior” (KUHN, 1987, p. 125). Pela análise de Kuhn podemos constatar que os resultados científicos são produtos que, ao invés de representarem verdades atemporais, dependem do contexto sociohistórico.

Essas críticas, que, por sua vez, também não são pacíficas, desmontam a imagem do conhecimento como universal e atemporal. Nesse processo de desmontagem, Jean-François Lyotard, com sua

obra *A condição pós-moderna*, avança ainda mais. O livro foi um estudo escrito para o governo canadense, que solicitou uma análise sobre a condição do saber nas sociedades mais desenvolvidas. Na sua argumentação sobre as características do saber científico, Lyotard aponta para a estreita relação entre saber e mercado, mas, sobretudo, entre saber e poder, “[...] evidenciando que saber e poder são as duas faces de uma mesma questão: quem decide o que é saber e quem sabe o que convém decidir? A questão do saber na era da informática é, mais que nunca, a questão do governo” (LYOTARD, 1989, p. 26). Esse saber científico, contudo, sempre esteve em concorrência com outros saberes, principalmente os saberes narrativos – entre os quais podemos citar o mito. Dessa forma, o problema do saber científico é, na perspectiva de Lyotard, a legitimação, principalmente num mundo pós-moderno, onde as grandes narrativas da modernidade, “[...] a dialética do Espírito, a hermeneútica do sentido, a emancipação do sujeito racional ou trabalhador”, perderam sua credibilidade. Nessa perspectiva, o saber científico torna-se uma espécie de discurso que corre com outros discursos e fica somente um tipo de saber entre muitos outros: “O saber em geral não se reduz à ciência, nem mesmo ao conhecimento [...]. A ciência seria um subconjunto do conhecimento” (LYOTARD, 1989, p. 46).

Para melhor entender a questão da “pós-modernidade”, gostaria de contar uma cena de um filme que, para mim, esclareceu vários elementos importantes dessa linha de pensamento.

Trata-se do terceiro filme da trilogia *Guerra nas estrelas*, chamado *A volta de Jedi*.

O herói da saga, o jovem Luke Skywalker, tinha passado um tempo num planeta do sistema solar Dagoba, onde recebera o treinamento do Mestre Yoda para ser um Jedi, mas não tinha terminado esse treinamento, pois fora à Cidade das Nuvens para salvar seus amigos. Lá ele encontra e enfrenta o vilão Darth Vader, que não só o supera na luta com a espada de *laser*, mas revela a um surpreso Luke Skywalker que ele, Darth Vader, seria seu pai. O mesmo pai Anakin Skywalker, pelo que Luke Skywalker sabia, teria sido traído e morrera. Luke consegue fugir e, de volta ao planeta do sistema solar Dagoba, onde tinha recebido seu treinamento, encontra o fantasma de Obi-Wan Kenobi, cavaleiro Jedi, que o tinha iniciado no mundo dos Jedi e de quem Luke tinha a informação de que seu pai teria sido traído e morto.

Luke, ainda sob o impacto da notícia sobre seu pai, exige uma explicação sobre as mentiras que lhe contaram: “Por que não me contou? Contou-me que Vader traiu e matou o meu pai?” Obi-Wan explica: “Seu pai foi seduzido pelo lado negro da Força. Deixou de ser Anakin Skywalker e tornou-se Darth Vader. Quando isso aconteceu, o bom homem que era seu pai foi destruído. Então, o que lhe contei era verdade – de um certo ponto de vista.” Luke ironiza: “Um certo ponto de vista?” Mas Obi-Wan insiste: “Irá descobrir que muitas das verdades a que nos apegamos dependem muito do nosso ponto de vista.”

O que observamos aqui é uma discussão sobre o que é verdade. A pergunta é se o pai de Luke Skywalker está vivo ou morto – uma pergunta para a qual, seguindo a racionalidade normal, só pode existir uma

verdade: ou ele está vivo ou ele está morto. Os critérios que utilizariam para determinar essa pergunta seriam normalmente critérios científicos. Um médico poderia responder a essa pergunta com facilidade. Mesmo com a ajuda de máquinas, o pai de Luke vive biologicamente; então, ele não pode estar morto. É a posição de Luke. Mas o que significa viver? Somente as funções biológicas? Em face de mudanças profundas que certas doenças psíquicas causam nos doentes não surge, às vezes, a pergunta: será que é ainda a mesma pessoa que nós conhecemos? Ou, para ficar na nossa história, se Anakin Skywalker foi atraído e deixou-se levar para o “lado escuro da Força”, traindo dessa forma não só os amigos, mas também os ideais pelos quais ele tinha lutado, colocando-se em oposição à “Força” (o médium que une o Universo), será que, depois ter trocado o lado, ele continua a ser a mesma pessoa? Ou não convém mais dizer que o “lado escuro da Força” tomou conta dele, de forma que o antigo Anakin Skywalker deixou de existir, foi destruído, que ele está morto? Frente aos extremos nos quais Anakin Skywalker/Darth Vader vivem – um totalmente no lado do bem (Força), outro totalmente no lado do mal (lado escuro da Força) – o elo biológico que une o antigo Anakin Skywalker e o Darth Vader parece não ter mais importância. Encontramos aqui o que na pós-modernidade é chamado de “fragmentação do sujeito” (HALL, 1997). Na modernidade, o indivíduo – a tradução latina dessa palavra significa “o que não pode ser dividido” – é conceituado como um ser inteiro e integrado, que possui uma identidade própria, um núcleo existencial. Numa perspectiva pós-moderna, esse núcleo existencial não existe; o “indivíduo”

pode ser dividido, fragmentado, até o ponto em que um lado seu pode ser considerado morto, ao passo que o outro continua vivo, como na nossa história.¹

Concluindo nossa reflexão sobre a questão de verdade, mito e ciência, podemos afirmar que fica difícil relacionar simplesmente a verdade com o conhecimento científico. Ficou evidente que se trata de uma longa luta entre diferentes tipos de saber e que a perspectiva de que a ciência fosse capaz de revelar a verdade só pode ser defendida de um ponto de vista positivista. Em geral, o *status* da veracidade do saber científico é mais acreditado fora do ramo das ciências no mundo leigo. Quem trabalha com pesquisa científica possui, geralmente, um olhar bem mais diferenciado, sabendo das posições divergentes e dos resultados contraditórios de pesquisas científicas.

O problema de tornar absoluto e verdadeiro o saber científico ocorre menos dentro da própria ciência, mas muito mais na transposição dos resultados de pesquisas científicas de forma simplificada e generalizante para o uso e a aplicação, ou para o conhecimento geral. Dois exemplos podem exemplificar esse perigo. As primeiras pesquisas sobre a relação entre inteligência e envelhecimento, promovidas para selecionar oficiais para o Exército norte-americano, apontaram para um rápido declínio depois dos trinta anos. Essas curvas se tornaram famosas e sustentaram a hipótese de que a inteligência seria maior entre adultos jovens e se reduziria em razão do envelhecimento (adolescência – máximo – hipótese). Essas falsas conclusões tornaram-se famosas, apesar de Yerkes, pesquisador que publicou esses dados, já

na época ter alertado para a possibilidade de outras explicações (LEHR, 2003).

Um outro exemplo² são os estudos sobre o luto e o processo de recuperação depois de perdas graves. Em relação ao processo de luto, Bowlby, em conjunto com Parkes, elaborou um modelo de fases do luto pelas quais as pessoas passam diante da perda de uma pessoa amada:

1. Fase de torpor ou aturdimento que, usualmente, dura de algumas horas a uma semana e pode ser interrompida por acessos de consternação e (ou) raiva extremamente intensas.
2. Fase de saudade e busca da figura perdida, que dura alguns meses e, com freqüência, vários anos.
3. Fase de desorganização e desespero.
4. Fase de maior ou menor grau de reorganização (BOWLBY, 1997, p. 115).

O modelo de fases do luto proposto por Bowlby e Parkes ganhou popularidade e serviu de base para outros modelos de fases, como, por exemplo, no trabalho de Worden (1998), que transformou as quatro fases de luto em tarefas que uma pessoa enlutada deve vencer para elaborar o luto (*Trauerarbeit*) e para se reorientar num mundo sem o parceiro. As quatro tarefas consistem em: 1. aceitar a realidade da perda; 2. elaborar a dor da perda, 3. ajustar-se a um ambiente onde está faltando a pessoa que faleceu; 4. reposicionar em termos emocionais a pessoa que faleceu e continuar a vida. Dessa forma, a idéia da elaboração do luto em fases e a expectativa de voltar ao normal, dentro de um certo espaço de tempo, ganharam forte influência no trabalho prático com pessoas enlutadas e nas terapias de família. Nas mãos de alguns terapeutas e serviços de aconselhamento, porém, esses modelos se

transformaram em estágios obrigatórios, pelas quais as pessoas tinham de passar para não entrar em luto patológico. Desse forma, os modelos de fases, que eram pensados como descritivos, tornaram-se modelos prescritivos, muitas vezes não correspondendo às experiências das pessoas enlutadas e, às vezes, agravando mais ainda a situação de luto. A transformação das teorias de fases ou estágios em modelos rígidos, unidirecionais e prescritivos levou a fortes críticas desses modelos. Apesar de pesquisadores como Parkes não terem pretendido, a idéia de que existiria uma seqüência fixa pela qual as pessoas enlutadas teriam de passar para se recuperar do luto ganhou grande popularidade.

A crítica à verdade científica, entretanto, não fica restrita somente à filosofia da ciência. Outras formas culturais, como a arte e o teatro, sempre foram um meio criativo, às vezes divertido, de fazer críticas profundas. Como exemplo para nossa área do envelhecimento, queria citar a peça *Prepara sua cabeça*, texto e direção de Déa Azambuja e realizada pelo grupo Temporão da Ulbra 3ª Idade, que foi apresentada no ano passado em vários eventos. Numa seqüência de pequenas cenas, o grupo critica, de forma bem-humorada, as verdades e práticas gerontológicas. Na cena sobre a pesquisa, por exemplo, uma senhora idosa está dentro de uma jaula, enquanto os “cientistas” observam-na, formulando perguntas “importantes”, como “Ela parece meio irritada. Por que será?” ou “Como será seu comportamento sexual?”. Outras cenas questionam as formas de diversão oferecidas às pessoas idosas, quando estas são mandadas em

férias para a praia – no meio do inverno chuvoso, ou quando uma senhora tem de reorganizar todo seu dia para poder ir ao baile às 14 horas, onde, finalmente, faz o que ela sempre detestou: “Dançar mulher com mulher!”.

Mito, verdade e discurso

Dante dos múltiplos questionamentos da “verdade científica” surgiu, no contexto das discussões pós-modernas, um outro conceito que ganhou bastante força: o discurso. O enfoque principal do conceito “discurso”, que relacionamos geralmente mais com a área política, não é mais sobre se é verdadeiro ou não, mas quais são os efeitos que esse discurso produz e quais são os interesses daqueles que promovem um determinado discurso. Principalmente no contexto do pensamento pós-moderno, pós-estrutural ou pós-crítico, esse conceito vem sendo utilizado. Assim, Lyotard (1989), por exemplo, denomina o saber científico como uma espécie de discurso. Na área da educação, Silva (1999) discute, na introdução às teorias do currículo, como nas teorias tradicionais e críticas se pressupõe a existência de teorias que explicassem alguma realidade lá fora. Na perspectiva pós-crítica, não existe esse hiato entre teoria e realidade, mas um discurso sobre um assunto, no caso o currículo. E esse discurso em descrever e prescrever o que um currículo deve ser “cria”, de certa forma, o próprio currículo. Em outras palavras, o discurso produz efeitos, e a tarefa científica seria analisar esses efeitos, já que a questão sobre uma verdade absoluta é rejeitada pelo pensamento pós-moderno.

O interessante do discurso é que, dessa forma, podemos relacionar o discurso científico gerontológico com outros discursos proferidos em relação ao envelhecimento e às pessoas idosas. Assim, podemos melhor entender a realidade complexa do processo do envelhecimento, inserido num conjunto de múltiplos discursos: os discursos da tradição, os discursos das mídias, os discursos políticos, os discursos do mercado de consumo e os discursos científicos.

Essa aproximação à gerontologia com base numa análise de discursos não é nova e já foi utilizada principalmente por pesquisadores da área da antropologia. Guita Debert, no seu livro *A reinvenção da velhice*, mostra como o processo de ressignificação da velhice nos dias de hoje acontece principalmente por três tipos de discursos: o discurso gerontológico, o discurso das pessoas idosas e o discurso das mídias. Com suas pesquisas, Debert (1999) demonstra as relações e os conflitos entre esses três grupos na construção e promoção de um envelhecimento bem-sucedido.

Outro exemplo interessante a respeito do discurso é a pesquisa de Annette Leibing sobre a descoberta, o esquecimento e a redescoberta da doença de Alzheimer. No seu estudo, Leibing (1999) relata como a doença de Alzheimer, descrita pelo médico Alzheimer em 1907 como senilidade precoce, desaparece da discussão científica, principalmente por controvérsias nas áreas médica e psiquiátrica entre a interferência entre o aspecto fisiológico (placas no cérebro) e os efeitos (demência senil). Na década de 1970, porém, a doença de Alzheimer reaparece nos livros de neurologia, e, interessado em obter finan-

ciamentos do Congresso norte-americano, Richard Butler, o primeiro diretor do novo Instituto Nacional de Envelhecimento, criado em 1974, destacou a importância dessa doença e o número de pessoas idosas acometidas por ela, falando de uma “epidemia”. O interesse de Leibing, obviamente, não era diminuir a importância da doença, mas mostrar como os discursos médicos constituem um campo com interesses e efeitos.

Como último exemplo para a produtividade do conceito “discurso” gostaria de citar a pesquisa de Caroline Stumpf Buaes sobre a questão da viuvez no meio rural. Analisando as entrevistas das mulheres idosas, Buaes (2005) descobriu nas suas falas sobre a maneira de viver a viuvez as influências de dois discursos antagônicos: o discurso da tradição exige da viúva “decente” um comportamento mais recolhido, voltado para sua família e, principalmente, evitando contatos com homens, ao passo que o discurso novo, promovido pelo grupo de convivência, propõe uma forma diferente de viver a velhice, com atividades físicas, bailes e viagens. Este discurso da atividade, que promove o brincar e a diversão, abre novos espaços públicos para as mulheres, mas torna-se, às vezes, também uma cobrança, questionando as mulheres que decidem não participar.

Com esses exemplos, fica evidente que o uso do conceito “discurso” torna-se mais interessante para o campo da gerontologia, especialmente por se tratar de uma área que perpassa tanto a área científica quanto o campo prático do trabalho com pessoas idosas, incluindo também aspectos políticos.

Conclusões

Considerando as reflexões apresentadas neste trabalho, podemos chegar a algumas conclusões a respeito de mitos e verdades sobre o bem-estar na velhice. A primeira análise pragma-lingüística apontou para um certo cuidado no uso da palavra “mito”, pois ela possui conotações diferentes e praticamente opostas. Com isso já ficamos sensibilizados para outras discussões no contexto do trabalho com pessoas idosas, onde, às vezes, torna-se mais importante analisar o que a pessoa queria dizer com uma certa palavra ou expressão do que uma simples análise do sentido literal.

Outro cuidado que temos de tomar é em relação às “verdades científicas”. Percebemos que a produção do conhecimento científico é um processo dinâmico, tanto que muitas vezes as verdades de hoje se tornam os mitos de amanhã. Olhando para o campo da ciência de forma mais detalhada, percebemos que os resultados de pesquisas científicas representam, geralmente, dados preliminares, que podem ser diferenciados ou até revogados com novas pesquisas. Para não cair na armadilha de simplesmente repetir supostas verdades científicas existe somente uma forma – estudar, acompanhar o processo de produção científica o mais perto que seja possível, tentando acessar estudos e pesquisas originais, não se satisfazendo com resumos simplificadores. Um bom exemplo para uma revisão do estado da arte sobre as relações sociais na velhice é o capítulo de Antonucci (2001), no qual fica evidente o processo de construção de conhecimento científico como um processo

de busca constante sem certezas absolutas. Além disso, precisamos diferenciar entre pronunciamentos gerais da ciência e casos particulares. O fato de, por exemplo, um determinado remédio ajudar em 80% dos casos não me traz nada se eu pertenço aos outros 20%. Por isso, devemos ter bastante cuidado em generalizar resultados ou teorias científicas.

Uma alternativa para o uso de “mito e verdade” representa o conceito de “discurso”. Dessa forma, o discurso científico não é mais algo totalmente diferente de outros discursos e, assim, se evita a polêmica sobre a existência de uma única verdade. Mesmo assim, o conceito de discurso permite analisar os efeitos e resultados que um determinado discurso produz e chama a atenção para a pessoa e/ou o grupo que promove um determinado discurso, pois cada discurso contém neles embutido relações de poder e de interesses.

Com todos esses cuidados, podemos dar agora uma olhada na questão do bem-estar de pessoas idosas. O próprio conceito de bem-estar, apesar de ser um dos conceitos mais estudados na gerontologia, continua vago. Isso se deve ao fato de que existem diferentes fatores que contribuem para o bem-estar, mas, sobretudo, porque é um conceito de avaliação subjetiva e individual. Sem entrar em detalhes dessa discussão científica ampla (para isso, vejam-se NERI, 1999; DOLL, 2003), podemos nomear três fatores que têm grande influência para o bem-estar de pessoas idosas: em primeiro lugar vem a saúde subjetivamente percebida pela própria pessoa; em segundo, relações sociais que são percebidas como equilibradas e satisfatórias; em terceiro, a situação eco-

nômica (MINNEMANN e LEHR, 1994). Apesar de esses três fatores influenciarem fortemente na satisfação de vida de pessoas idosas, notam-se grandes diferenças entre as pessoas, entre mulheres e homens e entre diferentes culturas (DOLL, 1999). Isso nos remete à necessidade de estarmos abertos também para outros fatores, que podem, para certas pessoas e em certas culturas, exercer uma influência maior do que saúde, relações sociais e situação econômica. Como exemplo, mesmo extremo, gostaria de fazer uma pequena análise de duas pessoas idosas, para as quais suas crenças e sua fé contam mais.

O primeiro exemplo é do filme *A balada de Narayama*. Numa aldeia pobre nas montanhas do Japão existe a regra de que as pessoas com mais que setenta anos devem ser levadas para o cume da montanha Narayama, onde elas esperarão a sua morte. O filme conta a história de uma senhora com setenta anos, que, ao contrário de outros, quer ir para a Narayama para lá encontrar seus antepassados. De fato, quando ela chega lá em cima, levada pelo seu filho, começa a nevar. A imagem da senhora, sentada, meditando e esperando a morte faz-nos perguntar se realmente existe uma única forma de “envelhecer bem”.

De forma parecida, ouso ainda apresentar algumas reflexões sobre os últimos dias do falecido papa João Paulo II. De um certo ponto de vista, o sofrimento do papa nos seus últimos dias poderia ser entendido como o fracasso de todo o esforço gerontológico de oferecer uma vida digna, em condições de relativa saúde, sem sofrimento. Mas, apesar de o papa, com certeza, ter um dos melhores aten-

dimentos geriátricos possíveis, isso não evitou o sofrimento. Provavelmente, ele mesmo não queria excluir o sofrimento dessa fase final da vida, pois tinha um objetivo além do sofrimento: transmitir sua mensagem de solidariedade e de fé aos cristãos e ao resto do mundo, um mundo que ficou sensibilizado por sua situação e sua força de vontade.

Nesse contexto, tinha algo mais importante do que evitar o sofrimento. E o bem-estar? Não posso afirmar, mas posso imaginar que o sofrimento enfrentado pelo papa de uma forma tão digna fazia parte de um bem-estar espiritual, que foi muito além de um simples estado sem dor. Não quero dizer com isso que o sofrimento seja uma coisa boa, pelo contrário, mas o sofrimento, como a finitude, faz parte da condição humana (PY e DOLL, 2005). E se a pessoa consegue dar a um sofrimento inevitável um sentido, como o papa o conseguiu, não só na fase final da sua vida, será que isso não poderia ter alguma coisa a ver com um bem-estar na velhice, algo que está muito além de uma condição biopsicossocial?

Abstract

The article discusses the myths and truths about well-being in old age in a epistemological perspective. The concepts of "myth", "science" and their relations with "truth" are analyzed in a historical view, starting with the conflict between myth and rationality in the Greek culture, going on to the emancipation of science from the religious dogmas by Kants philosophical conception of "pure reason", and arriving at the postmodern

critics on scientific truth. Coming back to the question of well-being in old age, we can mention the scientific gerontological discourse which highlights health, social relations and economical wealth as important factors for well-being. But it is the perspective of the elderly people themselves, which has to be considered in the discussion about myths and truths of well-being in old age: the sense, they give to their lives, or in other words, their spirituality, may challenge the gerontological discourse about bio-psychosocial well-being in old age.

Key words: well-being, aging, epistemology, old age.

Referências

- ANDERY, M. A. P. A. et al. *Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica*. 12. ed. Rio de Janeiro: Garamond; São Paulo: Educ, 2003.
- ANTONUCCI, T. C. Social relations. An examination of social networks, social support, and sense of control. In: BIRREN, J. E.; SCHAIK, K. W. (Org.). *Handbook of psychology of aging*. 5. ed. New York: Academic Press, 2001. p. 427-453.
- BOWLBY, J. *Formação e rompimento dos laços afetivos*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BUAES, C. S. *Aprender a ser viúva: experiências da mulher idosa no meio rural*. Dissertação (Mestrado) - PPGEDU/UFRGS, Porto Alegre, 2005.
- DEBERT, G. G. *A reinvenção da velhice*. Socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Fapesp, 1999. Ediusp.
- DOLL, J. Satisfação de vida de homens e mulheres idosos no Brasil e na Alemanha. *Cadernos Pagu*, v. 13, p. 109-160, 1999.
- _____. Avaliação na pós-modernidade. In: PAIVA, M. G. G.; BRUGALLI, M. (Org.). *Avaliação*. Novas tendências, novos paradigmas. Porto Alegre, 2000. p. 11-44.

Bem-estar na velhice...

- _____. Luto e viuvez na velhice. In: FREITAS, E. V. de et al. (Org.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro, 2002. p. 999-1012.
- _____. Velhice bem-sucedida – uma perspectiva interdisciplinar. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA A TERCEIRA IDADE. *Anais...* Belém, CD, 2003.
- ELIADE, M. *Mito e realidade*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- GIANFALDONI, M. H. T. A.; MICHELETTTO, N. As possibilidades da razão: Immanuel Kant. In: ANDERY, M. A. et al. *Para compreender a ciência*. Uma perspectiva histórica. 12. ed. São Paulo: Educ, 2003. p. 341-361.
- GROISMAN, D. A velhice, entre o normal e o patológico. *História, Ciências, Saúde, Manguinhos*, v. 9, n. 1, p. 61-78, 2002.
- HALL, S. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadei da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Ed., 1997.
- KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- LEHR, U. *Psychologie des alters*. 10. ed. Wiesbaden: Quelle & Meyer, 2003.
- LEIBING, A. Olhando para trás: os dois nascimentos da doença de Alzheimer e a senilidade no Brasil. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, Porto Alegre, v.1, p. 37-56, 1999.
- LYOTARD, J. *A condição pós-moderna*. Lisboa: Trajectos, 1989.
- MINNEMANN, E.; LEHR, U. Der ältere Mensch in Familie und Gesellschaft. In: OLBACH, E. et al. (Org.). *Kompendium der Gerontologie: Interdisziplinäres Handbuch*. Landsberg/Lech: Ecomed, 1994. VI-2.1, p. 1-28.
- NERI, A. L. (Org.). *Qualidade de vida na idade madura*. 2. ed. Campinas: Papirus, 1999.
- PÁDUA, E. M. M. *Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prático*. 2. ed. Campinas - SP: Papirus, 1997.
- PEREIRA, M. E. M.; GIOIA, S. C. A ciência moderna institui-se: a transição para o capitalismo. Do feudalismo ao capitalismo: uma longa transição. In: ANDERY, M. A. et al. *Para compreender a ciência*. Uma perspectiva histórica. 12. ed. São Paulo: Educ, 2003. p. 161-178.
- POPPER, K. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- PY, L.; DOLL, J. Espiritualidade e finitude. In: PACHECO, J. et al. (Org.). *Conversas em tempo de envelhecer* (no prelo).
- STÖRIG, H. J. *Kleine Weltgeschichte der Philosophie*. Bd. 2. Frankfurt a. M.: Fischer, 1961.
- WEISCHEDEL, W. *Die philosophische Hintertreppe*. 34 große Philosophen in Alltag und Denken. München: Deutscher Taschenbuchverlag, 1975.
- WORDEN, J. W. *Terapia do luto*. Um manual para o profissional de saúde mental. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

Notas

- ¹ Esta pequena análise de *Guerra nas estrelas* e as reflexões “pós-modernas” foram, primeiramente, publicadas em meu artigo (DOLL, 2000).
- ² Este exemplo é retirado de Doll (2002).

Endereço

Jonhannes Doll
Rua Mata Bacelar, 240/403
Porto Alegre - RS
CEP: 90540-150
E-mail: jdoll@edu.ufrgs.br